

Pacto de consciência

ANNA GUASQUE
Especial para o CORREIO

Ser racional é ser prático. Racionalizar teoricamente é buscar subsídios no prático.

A razão só se revela na prática. A teoria da razão se canaliza para uma demonstração prática. A prática acontece e se regimenta em rótulos e sistemas, até os mais sofisticados.

Nasce o mundo da expressão que, para o planeta Terra, figurou como única saída da inteligência humana: ser prático, adotar um sistema.

Que espécie de caos haveria no princípio? A desordem organizada, certamente...

Depois veio direita, esquerda, alto, baixo, magro, gordo, preto e branco. E tudo virou convenção. De convenções estéticas e metodológicas vieram as convenções políticas, quando direita e esquerda se opuseram entre si.

Por aí chegou o radicalismo na luta acirrada, já agora muito mais pelo poder do que pela razão.

Grupos minoritários emergiram na sociedade como manchas de azeite na água.

Surgiram os narradores da história do viver dos seres, num padrão que se chamou estética literária cuja música e ritmo se transfiguraram no poema.

Quem terá autoridade para julgar o trabalho literário do escritor ou do poeta?

Seriam somente seus companheiros de letras, ou haverá lugar para o julgamento da qualidade, analisada pelo próprio povo que se vê descrito?

Racionalizando a prática surge um sistema condutor de populações a bibliotecas, com o acesso escolar permanente e não em aparência de blocos modernos de concreto.

Os estágios avançariam com a gradação da maturidade que não tem idade certa; como o crescimento da flor, que só mostra sua beleza plena bem perto de fenece.

Assim é o ser humano e sua maturidade. Por isso os japoneses chamam a idade madura de "preciosa idade".

Quem escreve suas memórias vivencia uma época e aponta acertos e descaminhos que serão analisados na geração seguinte. O escritor modernamente é mais analisado do que sua história, porque interessa saber o que sua cabeça viva e atuante está pensando.

Não há sistemas a copiar, há um jeito brasileiro a se verificar vestindo camisa verde-floresta, com desenhos dos frutos de café e guaraná, salpicados de flores de maracujá com uma faixa branca onde se lê "Partido do Planeta Brasil".

Diferente de pluralismos em confusão é citar o moderno no que eles apresentam de prático, e isso denuncia as manchas de azeite no corpo. As manchas de azeite simbolizam as pessoas limpas que conquistaram a expressão humanística da política.

De outras terras nos perguntam:

— Como vai a política de vocês?

— Vai em espaço e tempo, meu companheiro. Agitada em enganos. Dirigida em malé cias, os homens se esqueceram de politizar, estão a politizar...

— E o que fazem?

— Fazem xingamentos, calúnias, prepotências, enfim, lá está a sobra de um esboço de cultura, que tentou higienizar bocas imprecisativas de propostas imediatistas... sem nenhum êxito.

A transição é uma realidade que, na prática, executa uma inversão singular entre o poder do Estado e o poder do povo. Entre esses dois elementos está o recheio social que se traduz numa elite intelectual interessada também em forças políticas.

Essa elite, que seria socialista por ser profundamente humanista, crê-se sem forças para conter as disfunções do sistema, equivocado pelos influentes processos de direita e de esquerda, cordas vocais dos que não pensam.

Pensar com meios próprios é elaborar conclusão, configurada pela própria coletividade.

Mais importante do que eleger pessoas para o quadro político é compreender a transição, suas

origens, seus fundamentos.

O subjetivismo político das lideranças envelhecidas, é cenário rodado na janela do trem estático.

Há uma nova geração de políticos pelos interiores do Brasil. Meninos e moças de cândido ideal que se elegerão para configurar um novo quadro político no país.

Dai vai sair a nova sociedade brasileira, mas que deverá estar prevenida para o jogo do "poder".

Será utópico pretender que o povo sugira pelos meios da cibernética e do poder comunitário? E que o poder executivo analise em mútua cooperação, num diálogo limpo, a teoria e a prática, trazendo o fato ao discurso, e este depois ao ato?

Os universitários são pulmão e coração do organismo brasileiro. Estão em estágio de preparação para uma política que deveria ser o regimento maior do país. Seria no idealismo e na realização um sustentáculo de criatividade, onde o debate franco fosse ampliado para o campo do raciocínio, que certamente, criaria as verdadeiras lideranças (onde não cabem terroristas).

Ali se alinha o legítimo passo que gerará os estadistas lúcidos reclamadas por essa pátria.

Teoria e prática são idéia e ação. Não se pode entender como pacto social a corrente mais coesa que a história desse país já registrou: a fraternidade dos sonegadores ou o ágio vergonhoso, cuja mola mestra é a classe média irresoluta.

Não haverá nunca o social, se não houver conscientização dos direitos e deveres. A temática do coletivo é coesão interna com lideranças de comunidades procurando melhorar os processos.

A hospitalidade brasileira, a ingenuidade do temperamento deste povo estão ameaçadas pela hidra individualista que se une pela ampliação do seu pasto, cheio de gado encalhado por um fato que se chama vergonha nacional, justamente porque não há...